

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA SOLINEIDE OLIVEIRA ALENCAR



**PAIS E FILHOS EM AÇÃO, UMA VIVÊNCIA NECESSÁRIA: UM PROJETO
DE INTERVENÇÃO**

CURITIBA

2019

MARIA SOLINEIDE OLIVEIRA ALENCAR

**PAIS E FILHOS EM AÇÃO, UMA VIVÊNCIA NECESSÁRIA: UM PROJETO
DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Saúde para professores do Ensino Fundamental e Médio, Departamento de Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a Dra Leila Maria Mansano Sarquis.

Co-orientadora: Prof^a Dra Marineli Joaquim Meier

CURITIBA

2019

“Acreditar que basta ter filhos para ser um pai é tão absurdo quanto acreditar que basta ter instrumentos para ser músico” Mansour Chalita

RESUMO

A necessidade de unir pais e filhos para pensar e reorganizar suas relações familiares a partir de sua percepção, respeitando singularidade de cada família, foi a mola propulsora deste projeto. Em minha experiência nas escolas em conversas ou atendimentos de pais e filhos observei a dificuldade que emanava desta relação. Falar sobre a relação pais e filhos foi no mínimo desafiador, pois estamos vivendo um momento conturbado onde os relacionamentos entre pais e filhos encontram-se cada vez mais difíceis, sejam eles na mais tenra idade ou na adolescência. Nem sempre a família consegue manter uma dinâmica funcional. As famílias passam, ao longo do ciclo vital, por períodos de mudanças e transições, que podem tornar o sistema disfuncional ou caótico como mudança de dinâmica na vida cotidiana, lutos, questões econômicas entre outros. Para tanto a proposta deste projeto de intervenção teve como o foco a ação em conjunto que trabalhou temas específicos visando desenvolver habilidades relacionais entre pais e filhos, ampliando as relações familiares. Tendo como tema: atenção, estabelecimento de regras, distribuição contínua de afeto; e o senso moral: empatia, senso de justiça, responsabilidade e distinção de certo e errado sempre seguido de exemplos dos pais, para pais e estudantes atendidos pela instituição de ensino Escolar Municipal Desembargador Marçal Justen. Nosso desafio foi que os pais através do seu aprendizado possam colocar em prática seus conhecimentos e habilidades visando melhorar e ampliar a relação familiar. Após o desenvolvimento deste projeto de intervenção verificamos que foi possível retomar algumas questões importantes onde os pais também sentiram a necessidade de se colocar e pontuar anseios resgatando e dividindo suas experiências durante o desenvolvimento do projeto. Assim, foi aflorando nos pais o desejo cada vez maior de participação, de descoberta do potencial tendo em vista a reponsabilidade que pesa sobre eles na educação dos filhos, embora não seja a única, mas também de reconhecimento de que embora essa não seja uma tarefa das mais fáceis, todos nós estamos carregados e atravessados pela cultura e os diferentes modelos de orientação na formação familiar.

Palavras - Chaves: Relação Familiar, escola, convívio escolar.

ABSTRACT

The need to unite parents and children to think and reorganize their family relationships from their perception, respecting the singularity of each family, was the driving force behind this project. In my experience in schools in conversations or care of parents and children I observed the difficulty that emanated from this relationship. Talking about the relationship between parents and children was at least challenging as we are living in a troubled time where parent-child relationships are increasingly difficult, whether they are young or old. Not always the family can maintain a functional dynamic. Families pass through the life cycle through periods of change and transition, which can make the system dysfunctional or chaotic as a change of momentum in daily life, grief, economic issues, among others. To this end, the proposal of this intervention project was focused on joint action that worked on specific themes aimed at developing relational skills between parents and children, expanding family relationships. Having as its theme: attention, establishment of rules, continuous distribution of affection; and the moral sense: empathy, a sense of justice, responsibility and distinction of right and wrong always followed by examples of the parents, for parents and students attended by the school institution Municipal School Judge Marçal Justen. Our challenge was for parents through their learning to put their knowledge and skills into practice in order to improve and expand the family relationship. After the development of this intervention project we found that it was possible to return to some important issues where parents also felt the need to place and punctuate their desires by rescuing and sharing their experiences during the development of the project. Thus, the parents' growing desire for participation, the discovery of the potential for their responsibility in the education of their children, although not the only one, but also of recognition that although this is not a task of the easiest, we are all loaded and crossed by culture and the different models of guidance in family formation.

Key Words: Family relationship, school, school conviviality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	CONTEXTO E PROBLEMA.....	7
1.2	OBJETIVOS.....	7
1.2.1	Objetivo Geral.....	7
1.2.2	Objetivos Específicos.....	7
1.3	JUSTIFICATIVA	8
2	REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1	Família: Constituição e Papéis.....	10
2.1.2	Definições de Famílias.....	12
2.1.3	Práticas Parentais.....	14
3	METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO	17
3.1	TRAJETORIA DA INTERVENÇÃO.....	17
3.1.1	Local da Intervenção.....	17
3.1.2	Sujeitos da Intervenção.....	17
3.1.3	Descrição da Trajetória da Intervenção.....	17
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO	19
4.1	INTRODUÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	19
4.2	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXO I – O GRITO	28
	ANEXO II - O ALPINISTA	30

1 INTRODUÇÃO

Este Projeto de Intervenção tem como tema: Pais e filhos em ação: uma vivência necessária: “um projeto de intervenção”, que foi realizado na Escola Municipal Desembargador Marçal Justen com famílias e estudantes do ciclo II, entre os meses de maio a dezembro de 2018. O tema proposto trata da relação entre pais e filhos que tem como proposta deste projeto de intervenção a seguinte questão: quais dificuldades as famílias encontram para manter uma dinâmica funcional ao longo do ciclo vital na qual podem contribuir levando-se em conta famílias atendidas pela instituição de ensino escolar municipal – Desembargador Marçal Justen, que promove encontros visando favorecer essa relação?

Assim, este projeto objetiva propor intervenções que viabilizem práticas parentais mais adequadas e adequadas para o convívio familiar.

1.1 CONTEXTO E PROBLEMA

O tema proposto trata da relação entre pais e filhos que tem como problema de pesquisa a seguinte questão: como viabilizar práticas parentais adequadas que possibilitem um funcionamento familiar comunicativo entre pais e estudantes atendidos pela instituição de ensino Escolar Municipal Desembargador Marçal Justen, entre os meses de maio e dezembro de 2018?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Propor intervenções que viabilizem práticas parentais adequadas e que melhorem o funcionamento familiar.

1.2.2 Objetivos Específicos

Desenvolver práticas parentais mais adequadas como monitoria positiva: atenção, estabelecimento de regras, distribuição contínua de afeto; e o senso

moral: empatia, senso de justiça, responsabilidade e distinção de certo e errado sempre seguido de exemplos dos pais.

Contribuir para a melhora do funcionamento familiar através do desenvolvimento de habilidades sociais como: habilidades de comunicação; de civilidade, de empáticas e de expressão de sentimento positivo, mantendo um afeto familiar e comprometimento efetivo.

1.3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela necessidade de aproximar pais e filhos para o pensar e a reorganização de relações familiares a partir de sua percepção, dando singularidade a cada família.

Em minha experiência como educadora nas escolas, pude perceber em conversas informais ou em atendimentos de pais e filhos observei a dificuldade que emana desta relação.

Para tanto, falar sobre a relação pais e filhos é no mínimo desafiador, pois estamos vivendo um momento conturbado onde os relacionamentos entre pais e filhos encontram-se cada vez mais difíceis, sejam eles na mais tenra idade ou na adolescência. A família é um contexto de desenvolvimento onde:

A criança encontra os primeiros “outros” com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade, e constitui o primeiro referencial para sua constituição identitária (SZYMANSK, 2004, p. 07).

Nem sempre a família na atualidade consegue manter uma dinâmica funcional de suas atividades peculiares até então realizadas, uma vez que a realidade de situações atuais seja institucionais como mudança de dinâmica na vida cotidiana, famílias passam, ao longo do ciclo vital, por períodos de mudanças e transições, que podem tornar o sistema disfuncional ou caótico, “que podem ser normativas e não normativas, isto é, períodos marcados pela manutenção de padrões e regras que são funcionais e disfuncionais respectivamente” (SZELBRACIKOWSKI & DESSEN, 2007, p. 34).

A despeito de mudanças e transições ressaltamos a lei 13 N° 13.010, de 26 de junho de 2014, aprovada no Congresso Nacional, onde o pai ou mãe que

der um palmada no filho poderá sofrer sanções que vão desde advertência a acompanhamento psicológico de orientação familiar. Como fica o direito dos pais de exercerem sua autoridade? Até onde o Estado tem direito de intervir e confrontar o direito da família?

Hoje está se tornando um pouco habitual nas escolas se identificarem dificuldades familiares e promoverem ações para ajudar, realizando atividades ou palestras para os pais separadamente dos filhos.

Para tanto a proposta deste projeto de intervenção terá como o foco a ação em conjunto com todos os membros da família que trabalhará temas específicos visando desenvolver habilidades relacionais entre pais e filhos e melhorar o sistema familiar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FAMÍLIAS: CONSTITUIÇÃO E PAPÉIS

A missão das famílias na antiguidade era voltada para a conservação dos bens, práticas comuns de um ofício, ajuda mútua, ou seja, não tinha função afetiva (se tivesse tanto melhor). As trocas afetivas se davam geralmente fora de casa com amigos, criados, professores que assumiam função materna ou paterna, tendo uma relação mais próxima da criança, favorecendo a diluição da estrutura conjugal. Isso pode ser observado nas colocações de (Ariès, 1981, p. 231):

A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. No caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a “casa” dos amos e dos senhores, onde esses pobres passavam mais tempo do que na sua própria casa (às vezes nem ao menos tinham uma casa, eram vagabundos sem eira nem beira, verdadeiros mendigos). Nos meios mais ricos, a família se confundia com a propriedade do patrimônio, a honra e o nome. A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem. (ARIÈS, 1981, p. 231)

Ao longo do tempo esse conceito ou visão de família tem-se modificado. Hoje com o advento da modernidade as famílias aparecem com um novo desenho, não deixaram de ter seu compromisso moral e social, mas, incorporaram sentimentos, empatias, cuidados de uma forma mais organizada do ponto de vista estrutural. No século XX surge a Ciência dos Sistemas: Teoria geral dos sistemas e Cibernética. O sistema é organização de partes numa interação dinâmica. (VASCONCELOS, 2018).

Os sistemas vivos são sistemas abertos onde se dão as trocas de matéria, energia e informações. O todo é o sistema com total autonomia as partes são os subsistemas integrados (se instalam a partir da função e papel que desempenham dentro do sistema). Todo e partes não existem de forma absoluta, o sistema não é considerado como a soma de suas partes, ou seja, não-somatividade (VASCONCELOS, 2018). Corroborando a esse pensamento Bronfenbrenner (2005-2011, p. 266) concebe a família como “a estrutura mais eficiente e econômica para nutrir e sustentar a capacidade dos seres humanos,

funcionando eficazmente em todos os aspectos da atividade humana, intelectual, social, emocional e fisiológica”.

Os subsistemas da família são: individual, está ligado à história pessoal de cada um (self); conjugal (casal) é essencial para o desenvolvimento dos filhos, servindo também de modelo para que estes expressem sentimentos de afetividade e condições de resolver questões conflitivas, pois ao entrar em contato com a realidade externa necessitarão dos valores aprendidos; parental (função dos pais para com os filhos) nesse subsistema se aprende a distinguir o que é racional do que é arbitrário quando se tratar de autoridade, modelação de comportamento e se estes serão desencorajados ou recompensados (MINUCHIN & FISHMAN, 2007, p. 26-28)

Também poderá perceber como a família estabelece negociações; fraternal (relação entre irmãos) podem desenvolver relações amistosas ou não, estabelecer amizades, se defender dos inimigos, conseguir reconhecimento, aprender com os outros. Esses requisitos serão muito importantes quando do ingresso no mundo escolar e do trabalho; filial (função dos filhos para com os pais); MINUCHIN & FISHMAN, (2007, p. 23-29). Os subsistemas são determinados pelos papéis e funções.

Os sistemas e seus subsistemas necessitam de fronteiras (proteção e coesão). Estas podem ser nítidas (definem até onde cada um pode ir e quem faz parte de qual subsistema), difusas (não estabelecem limites claros, e todos podem invadir o espaço de todos) e rígidas (o limite interpessoal é rígido e não há proximidade). Minuchin, Nichols & Lee (2009, p.24) afirmam que “... as famílias são organismos sociais estruturados em subsistemas separados por fronteiras; que os subsistemas definem as funções de seus membros, que os membros da família organizam-se em alianças, afiliações a medidas que mudam, e assim por diante”.

Em geral na família cabe aos pais a função de comandar, orientar, determinar funções e estabelecer regras. O código de regras rege o funcionamento do sistema como um todo, bem como, dos membros do sistema. As regras podem ser assimiladas através da cultura (universal) ou idiossincráticas (próprias da família), como por exemplo, almoço na casa da nona todos os domingos. Também cabe a família desenvolver o sentimento de pertença e a proteção biopsicossocial aos seus membros. Sabemos que a

família muda em função dos diferentes ciclos vitais: formação do casal, famílias com filhos pequenos, com adolescentes, filhos adultos, com fases: síndrome do ninho vazio, estágio tardio da vida, separações e outras situações (CARTER & McGOLDRIK, 2008, p 427-431)

A família é um grupo natural que através dos tempos tem desenvolvido padrões de interações. Estes padrões constituem e estrutura familiar, que por sua vez governa o funcionamento dos membros da família, delineando sua gama de comportamentos e facilitando sua interação (MINUCHIN & FISHMAN 2007, p. 21).

Vale ressaltar que as forças sociais, econômicas e políticas também causam mudanças na família. As famílias negras, pobres e multiproblemáticas em geral tem seu ciclo de vida:

Prejudicado pelo desemprego, desnutrição, nascimentos pré-conjugais, instabilidade e violência familiar, distúrbios mentais, delinquência, abuso de substâncias, um alto índice de mortalidade infantil, incapacidade física, morte precoce, e os estresses de habitações inadequadas e constantes dívidas. Sempre falta dinheiro para satisfazer as necessidades básicas e as opções recreacionais são insuficientes. (HINES *in* CARTER & McGOLDRIK, 2008, p.440).

Em uma pesquisa realizada no Sul do Bronx em Nova York incluindo famílias hispânicas (55%), negras (30%) e brancas (15%) de baixa renda observou-se que a primeira gravidez acontece entre os 12 – 17 anos, a segunda entre 18 – 21 anos, nem sempre conseguem terminar o 2º Grau, os pais relaxam após a gravidez dos filhos e sustentam filhos e netos, mesmo quando os filhos saem de casa continuam ligados ao círculo familiar. Pode acontecer da mãe se tornar chefe da própria família. (FULMER *in* CARTER & McGOLDRIK, 2008, p.468-473)

2.1.2 Definições de Famílias.

Podemos descrever 6 definições de família segundo alguns autores que desenvolvem pesquisa de abordagem sistêmica sob a ótica das dificuldades e existentes na atualidade: Carter & McGoldrik (2008) e Minuchin & Fishman (2007).

Família nuclear atual em geral essa família tem hoje um acúmulo de funções sobre a mulher, que hoje passam pela maternidade de forma relâmpago

diferentemente de suas avós, havendo muitas vezes uma distribuição desigual de papéis e funções. A mulher se debate por encontrar dificuldade em conciliar funções concorrentes, enquanto que os homens conciliam carreira e família concomitantemente. Porém não raro encontramos um pai periférico, que pode se eximir das funções familiares. Assim em virtude de todas estas circunstâncias pode acontecer dos filhos permanecerem mais tempo na família, onde os pais demoram para entrar na fase do ninho vazio. (MINUCHIN & FISHMAN, 2007)

Família Monoparental ou “*Pas des Deux*”: é comum nessas famílias um superenvolvimento o que pode levar a uma díade muito estreita. O controle excessivo da mãe ou pai para com o filho e vice-versa criando mútua dependência. (MINUCHIN & FISHMAN, 2007).

Família Acordeão: Dificuldade de autonomia e no caso de haver um número considerável de filhos, dificuldade na hierarquia, com mãe/pai super exigido (a) nas tarefas de cuidar, prover e orientar, sem a contribuição do cônjuge temporariamente distante (MINUCHIN & FISHMAN 2007).

Família Trigeracional: dificuldades para delimitar papéis, as fronteiras não são claras entre as gerações, avós com função de pais, impedidos de avançar para a próxima etapa do ciclo vital. Problemas hierárquicos, avós no comando podendo despotencializar a mãe e esta não ter o reconhecimento do filho. Falta de autonomia financeira (MINUCHIN & FISHMAN 2007).

Família Recasada: a inclusão do novo cônjuge pode não ser bem aceita pelos filhos gerando problemas de hierarquia. A ausência de modelos pode suscitar a buscar o modelo da família nuclear. Vínculos frouxos e dificuldade para conviver com o cônjuge anterior, em sua relação hierárquica com os filhos (CARTER & McGOLDRICK, 2008).

Famílias Descontroladas: Apresentam fronteiras difusas, vínculos rígidos, dificuldades de comunicação, desorganização hierárquica, regras são para determinados situações e outras não. Isso acontece quando os pais ou um deles exercem controle exacerbado ou veem nos filhos uma continuação deles mesmos. É comum nessas famílias aparecerem crianças psicossomáticas ou com fobia escolar (MINUCHIN & FISHMAN, 2007).

As famílias se modificam no interior de todas essas contradições e transformações estruturais. Essas novas configurações em geral decorrem dos

fenômenos políticos, sociais, demográficos, ideológicos e culturais, podendo também advir da valorização do egocentrismo e instabilidade nos laços amorosos. Esse panorama visto de forma associativa pode nos levar a pensar de forma equivocada no desaparecimento da família, quando na realidade revela seu enorme potencial adaptativo e de mudança (GOLDANI, 2002; NASCIMENTO, 2013).

2.1.3 Práticas Parentais

A relação pais e filhos enfoca diferentes dimensões à forma harmoniosa e profícua de se relacionar ou as práticas parentais que levam a exibição de comportamentos antissociais. Estilo parental se apresenta como uma estratégia de ajuda aos pais para melhor orientar os seus filhos independentes do contexto, “é definido como um conjunto das práticas educativas parentais ou atitudes parentais utilizadas pelos educadores com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento dos seus filhos” (GOMIDE, 2006 p. 7).

Sabemos que a dinâmica do grupo familiar é poderosa no que tange ao desenvolvimento das crianças, é na família que as crianças depositam sua confiança, absorvem conhecimento, aprendizagens, constituindo todo um repertório que irá acompanhá-lo em sua trajetória. Pais que são responsivos e tem atitudes pró-sociais fazem com que seus filhos não só aprendam como exerçam ou estendam suas atitudes fora de casa. Entre essas atitudes destacamos empatia, cooperação, habilidades sociais e a reciprocidade. (GOMIDE, 2006 p. 9).

Porém quando a hierarquia não está bem definida e as fronteiras são frouxas ou rígidas demais e os limites e regras não foram estabelecidos podem gerar conflitos. Se isso se dá ainda na infância, e por algum motivo os pais deixam de ser orientados, a supervisão deficitária poderá conduzir o adolescente a grupos desviantes com grande probabilidade de desenvolver o comportamento antissocial (GOMIDE, 2006, p.9).

O comportamento antissocial ou práticas educativas negativas inclui:

Negligência, ausência de atenção e ou afeto; abuso físico ou psicológico, disciplina através de práticas corporais negativas, ameaça e chantagem de abandono e de humilhação do filho;

disciplina relaxada compreende o relaxamento das regras estabelecidas; punição inconsistente, os pais se orientam por seu humor na hora de punir ou reforçar e não pelo ato praticado; e monitoria negativa, caracterizada pelo excesso de instrução seu cumprimento e conseqüentemente, pela geração de um ambiente de convívio independente de hostil (GOMIDE, 2006 p. 8).

Outro aspecto é o comportamento moral que envolve generosidade, justiça, compaixão, honestidade, valores que fazem parte da vida em comunidade e que muitas vezes são deixados de lado ou se dá pouca importância. As famílias que dedicam pouco ou nenhum tempo para o convívio familiar são mais afetadas por transgressões e desvios praticados por crianças e adolescentes.

O aprendizado da moralidade não funcionará a menos que seja realizado numa atmosfera de genuíno calor humano e afetividade, primeiro, porque todas as crianças precisam ser ouvidas e avaliadas; segundo, porque uma das maneiras mais eficazes de ensinar é por meio de exemplos. Se quisermos transformar crianças de alto risco em seres humanos empáticos e solidários elas precisam estar na extremidade de receptora de empatia e solidariedade (KELLERMAN, 2002 p. 112).

Já os pais que exercem monitoria positiva, comunicação, apoio, equilíbrio entre os papéis e conhecimento sobre a vida dos filhos conseguem estabelecer uma relação de confiabilidade evitando que estes desenvolvam comportamentos antissociais.

3 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

3.1 TRAJETORIA DA INTERVENÇÃO

3.1.1 Local da Intervenção

A Escola Municipal Desembargador Marçal Justen – Ensino Fundamental foi criada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, pelo Decreto nº 780, de 24 de julho de 1980, com a denominação de Escola Desembargador Marçal Justen – Ensino de 1º Grau, tendo iniciado suas atividades em 18 de agosto do mesmo ano na gestão do prefeito Jaime Lerner.

Em 22 de setembro de 1983, com a Resolução nº 3271/83, passou a ser denominada Escola Municipal Desembargador Marçal Justen.

A escola possui uma boa infraestrutura, sendo 07 salas de aula (todas com 1 TV), 1 laboratório de informática com 18 microcomputadores, 1 biblioteca com cerca de 1500 livros. Na sala de professores também se encontram mais 3 computadores que são utilizados para planejamento e no preparo das atividades.

No Setor Pedagógico também se encontra à disposição, materiais de pesquisa (revistas, livros didáticos e pedagógicos, jogos e outros).

A escola possui uma sala de apoio pedagógico, 1 almoxarifado, cozinha, secretaria, sala de direção. Na parte interna a escola possui pátio coberto, na parte externa quadra coberta, destinada às aulas de educação física. Além destes espaços a escola possui ainda um espaço externo alternativo e um parquinho. Atualmente, conta com 42 profissionais da educação, destes, 4 são de Educação Física, 1 Suporte Técnico-pedagógico, 3 Auxiliares de Serviços Escolares, 1 Secretária, 2 Apoios Administrativos, 2 Agentes de Leitura (RIT), 2 profissionais de apoio à Inclusão (RIT) e 27 professores (Docência I), incluindo direção e vice direção.

A escola conta com a frequência de aproximadamente 390 estudantes divididos em dois turnos (Manhã e Tarde) em ciclos I e II do 1º ao 5º ano.

A Escola Municipal Desembargador Marçal Justen atende uma comunidade que é formada por famílias provenientes dos mais diversos locais. As informações sobre os familiares dos estudantes foram retiradas das fichas

de matrículas e também de um questionário contendo dados sobre o público atendido por esta unidade. A maioria dos estudantes é nascida na cidade de Curitiba. Em torno de 45% dos estudantes moram no bairro. Os outros 55% moram em outros bairros e outros municípios. Moram na sua maioria com seus pais, ou só com as mães em casa própria. A comunidade em geral é carente, porém em sua maioria é participativa nos assuntos escolares de seus filhos.

A Escola Municipal Desembargador Marçal Justen considera cada estudante como sujeito histórico e de direitos que, no cotidiano que vivencia, brincando, fantasiando, observando, experimentando constrói sua identidade. Também aprende, constrói conhecimento sobre a sociedade e a natureza e assim produz cultura. Os professores também podem se desenvolverem pessoal e profissionalmente a partir desta vivência conjunta com as crianças. Sendo a ludicidade o maior recurso para a efetivação desse desenvolvimento pessoal e profissional.

3.1.2 Sujeitos da Intervenção

O projeto foi aplicado com pais ou responsáveis de diversas condições de econômicas e estudantes na faixa etária entre 10 e 11 anos, do 5º (2º ciclo) na escola já mencionada no período matutino, entre os meses de maio a novembro de 2018. O projeto contou com apoio da pedagoga do turno da manhã para ajudar nas atividades com as crianças.

3.1.3 Descrição da Trajetória da Intervenção

Este projeto de intervenção foi voltado às famílias das crianças assistidas pela Escola Municipal Desembargador Marçal Justen. Durante o período de maio a dezembro de 2018. Para tanto foram realizados 6 encontros com pais e filhos, nas dependências da Escola Municipal Desembargador Marçal Justen, com aplicação de questionário (pré teste - no 1º encontro), para os pais com vistas a identificar suas dificuldades, seus objetivos em participar das atividades e suas percepções sobre o relacionamento familiar. Mais 4 encontros para desenvolver temas como: identificação do sintoma; tarefas da adolescência; importância da comunicação e da confiança; tipos de práticas

parentais; e no final, no 6º sexto encontro aplicação do Pós teste e promoção de atividade coletiva de pais e filhos em ação.

Foram realizadas diversas atividades como: exibição de filmes, vídeos, leitura e reflexões de textos e confecção de um porta retrato, onde os grupos familiares trabalharam em conjunto.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO

4.1 INTRODUÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Desde que iniciamos o projeto na Escola Municipal Desembargador Marçal Justen no município de Curitiba, no dia 12 de setembro de 2018, passamos a desenvolver ações significativas voltadas para a promoção da mudança da cultura do comportamento e na qualidade da comunicação entre pais e filhos.

Neste ambiente onde várias culturas se entrelaçam é possível observar na relação de pais e filhos que está enfoca diferentes dimensões. Autores, como Darling e Steinberg (1993), Maturana (1993), Bronfenbrenner (1996), Szymanski (2004), Dessen e Costa (2005) e Minuchin *et al* (2008), ressaltam que o processo de socialização de cada indivíduo dá-se a partir das relações familiares estabelecidas. É pelo viés das práticas educativas, que se estabelece a transmissão pelo pai, dos valores, hábitos, crenças e atitudes, onde este replica os mesmos padrões vivenciados em suas famílias de origem.

4.2 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

Primeiro encontro

Inicialmente percebeu-se a necessidade de fazer uma roda de conversa com os pais na Escola Municipal Desembargador Marçal Justen, pois a pedagoga da Unidade escolar, Silvia Leticia Rinaldim Vieira, percebia a necessidade dos pais poderem trocar suas experiências e falar de suas angústias diante das mudanças frente às diferentes necessidades impostas pelas novas formas de vida.

Assim, iniciamos uma conversa com a direção da Escola e decidimos enviar um convite aos pais. A princípio 6 famílias se interessaram. Porém 5 compareceram no primeiro dia, sendo 1 casal (separados) mas que decidiram participar juntos, 1 pai e 2 duas mães.

Quando as famílias chegaram foram feitas as devidas apresentações. Na sequência responderam o Pré - teste e demos início ao primeiro tema:

ambiente familiar funcional. Os pais tiveram que escolher dentre vários brinquedos, sendo um para se apresentar e dizerem o motivo das suas escolhas, em geral as escolhas foram dinossauro, Mickey, caminhão e uma sacolinha com a frase: Im love you.

FOTO 1 - PRIMEIRO ENCONTRO



FONTE: A Autora (2018).

Segundo encontro

Foi retomada a atividade proposta para fazer na casa referente aos aspectos fortes das famílias: os participantes relataram que em geral o que importa é: empatia, respeito, tolerância, paciência e sentimento de pertença e de amor. Na sequência foi abordado o tema: Como reconhecer os principais sintomas existentes na relação familiar. Fizemos a leitura do texto: O grito. Ao final fizeram uma reflexão sobre a importância de acreditar em suas potencialidades e capacidades e que se deve olhar de forma mais acurada para as mudanças sutis que acontecem no ambiente familiar.

FOTO 2 – SEGUNDO ENCONTRO



FONTE: A Autora (2018)

Terceiro encontro

Retomamos a atividade de casa sobre a comunicação da família. Em geral os pais relataram que passaram a perguntar para os filhos “como foi o seu dia”, perceberam (alguns) que necessitam dedicar um pouco mais de tempo para conversar, outros perceberam que os filhos necessitam de limites e ainda observaram que alguns filhos se contrariam quando ouvem “NÃO”, apresentando baixa tolerância a frustração. Dando continuidade o tema deste dia foi: compreender o funcionamento familiar sob a ótica dos pais, e as tarefas e funções na adolescência. Foi apresentado o Filme: Criança: A Alma do Negócio. Na discussão, os pais relataram que tentam conduzir da melhor forma a questão do consumo e do acesso aos bens. Admitem que sofrem com os apelos constantes e massivo do social, porém vem se empenhando em determinar e se fazer cumprir algumas regras estabelecidas no ambiente familiar.

Quarto encontro

Neste encontro os pais tinham que relatar sobre uma surpresa que fizeram para os filhos. Foi muito gratificante perceber o empenho deles em

observar os filhos e procurar executar essa atividade que não deveria envolver gastos excessivos. Um dos pais comprou flores para sua filha e passou a tarde trabalhando em casa para melhorar a aproximação, outra mãe resolveu tirar sua folga e veio de surpresa pegara filha na escola, durante o dia evitou fazer uso do celular, outra convidou os amigos do filho único para um lanche na sua casa, colegas que seu filho não via a tempos. Na sequencia o tema deste dia foi: Reflexão, pensamento e aprendizagem para potencializar o autoconhecimento. Foi feita a leitura do texto “O Alpinista”. Os pais perceberam a necessidade de acreditar em suas capacidades, de refletir e tomar decisões, bem como reconhecer se houve excesso e serem capazes de reverem suas ações.

FOTO 3 – QUARTO ENCONTRO



FONTE: A Autora (2018).

Quinto encontro

A atividade inicial seria para relatar um caso de confiança acontecido na semana. Os pais disseram que esta atividade não foi muito fácil. Porém conseguiram solicitar dos filhos algo que estivesse ao alcance deles como: dar um tempo maior para que realizassem uma determinada tarefa, solicitar algo do filho pelo telefone e confiar que este executaria sem sua presença. Solicitar algo sem barganhar ou ameaçar, também foi um ponto bastante positivo que foi colocado. O tema deste dia era os diferentes tipos de modelos parentais: participativos, negligentes, autoritários e permissivos. Os pais colocaram

discutiram entre si abordando o quanto se preocupam em serem participativos e presentes na vida de seus filhos. Alguns falaram sobre o tempo que podem dedicar a família e que algumas coisas podem ser revistas. Ressaltaram a questão cultural que permeia cada núcleo familiar e que é possível rever a melhorar alguns conceitos.

Sexto encontro

FOTO 4 – SEXTO ENCONTRO



FONTE: A Autora (2018).

Neste encontro os pais responderam ao pós teste e na sequência os filhos foram incorporados ao grupo dos pais. Foi um momento ímpar tanto os pais quanto os filhos não esperavam que o trabalho fosse conjunto, por isso ficaram bem contentes com a proposta. Esta atividade visava proporcionar vivência, visando o trabalho colaborativo para Pais e Filhos em Ação, resignificando os encontros e analisando as atividades realizadas. Eles teriam que em dupla (em família) fazer um porta-retrato com os materiais disponíveis (cola, tesoura, tinta, barbante, canetinhas e etc). Na sequência colocar a foto da família e ressaltar a importância desta atividade.

FOTO 5 – SEXTO ENCONTRO



FONTE: A Autora (2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início deste projeto minha intenção sempre esteve voltada para proporcionar aos pais, estudantes e a comunidade escolar, uma perspectiva diferente de abordar algumas questões consideradas delicadas como a educação dos filhos e os movimentos das famílias através dos tempos de forma a contemplar as peculiaridades do cotidiano, a cultura e as devidas nuances que atravessam as diferentes formações familiares, levando em consideração suas vivências, a sociedade e o recorte temporal no qual estamos inseridos, dentre outros.

Minha preocupação inicial desde a elaboração do convite enviado as famílias até o fechamento dos detalhes no último encontro sempre foram pensadas e elaboradas com muita responsabilidade e avaliação reflexiva ao término de cada encontro.

Desta forma, foi possível retomar algumas questões importantes onde os pais também sentiram a necessidade de se colocar e pontuar seus anseios resgatando e dividindo suas experiências durante a semana.

Assim, foi aflorando nos pais o desejo cada vez maior de participação, de descoberta do potencial tendo em vista a responsabilidade que pesa sobre eles na educação dos filhos, embora não seja a única, mas também de reconhecimento de que embora essa não seja uma tarefa das mais fáceis, todos nós estamos carregados e atravessados pela cultura e os diferentes modelos de orientação na formação familiar.

Nada me causou maior satisfação do que perceber a leveza, o comprometimento e a participação daqueles que aderiram essa proposta comigo, com responsabilidade de levar adiante os conhecimentos e colocar em prática o aprendizado que se construiu no coletivo.

Temos a capacidade de nos reproduzir biologicamente, mas, a função de se tornar pais e de mães suficientemente bons, se constrói a cada passo que damos, seja quando reconhecemos que somos falhos, por isso erramos seja quando temos a condição de reconhecer que podemos e somos capazes de começar de novo a cada vez, não importando quantas vezes se fizerem necessárias. Esse aprendizado é único, subjetivo permeado de amor, afeto, respeito e muita criatividade.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC. 1981.
- CARTER, B. McGOLDRICK, M. & Colaboradores. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre. Artmed. 2008.
- BRASIL. Lei Nº 13.010, de 26 de junho de 2014 – **Lei do Menino Bernardo** in Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 1º ed. – Secretaria Nacional de Promoção direitos da Criança e do Adolescente do Ministério de Estado dos Direitos Humanos- Artecor Gráfica e Editora LTDA, Brasília - 2016.
- BRONFENBRENNER, U. A. **Ecologia do desenvolvimento humano**. Trad. M.A.V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- _____, U. A. **Bioecologia do desenvolvimento humano – tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed. 2011 (Obra original publicada em 2005)
- DARLING, N.; STEINBERG, L. **Parenting style as a context: an integrative model**. Psychological Bulletin, 113, 487-496. 1993.
- DESSEN, M. A., COSTA, A. Jr., e colaboradores. **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed. 2005.
- FULMER, R. H. Famílias de Baixa Renda e Famílias com Formação Profissional: Uma comparação da Estrutura e do Processo de Ciclo de Vida. In: Carter, B. McGoldrick, M. & Colaboradores. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre. Artmed. 2008.
- GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas brasileiras nos anos 90 e seus direitos como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 19(1), 29-48. 2002.
- GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2006.
- HINES, M. P. O Ciclo de vidas Familiar nas Famílias Negras Pobres. In: Carter, B. McGoldrick, M. & colaboradores. **As mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre. Artmed. 2008.
- KELLERMAN, J. **Filhos Selvagens: Reflexões sobre crianças violentas**. Rio de Janeiro. Rocco, 2002.
- MATURANA, H.R. **Amor y juego: Fundamentos olvidados de lo humano desde el patriarcado a la democracia**. Santiago: Ed. Instituto de Terapia Cognitiva. 1993.

MEDEIROS, M. **Montanha Russa**. Porto Alegre: L&PME Editores, 2003. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/NTlwMjE3/>. Acessado em 01/05/18

MINUCHIN, S.; FISCHMAN, H. C. **Técnicas de Terapia Familiar**. Porto Alegre. Artmed. 2007

MINUCHIN, S., LEE, W.; SIMON, G. **Dominando a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

MINUCHIN, S. NICHOLS, M.P. Lee, W. **Famílias e Casais do Sintoma ao Sistema**. Porto Alegre. Artmed. 2009

NASCIMENTO, M. R. Famílias líquidas: desafios para as políticas sociais. In M. A. R. Alcântara, E. Rabinovich, & G. Petrini (Orgs.), **Família, natureza e cultura** – cenários de uma transição, p. 163-89. Salvador: EDUFBA2013.

SZELBRACIKOWSKI, A. C. DESSEN, M. A. Problemas de Comportamento exteriorizado e as Relações Familiares: Revisão de Literatura. **Psicologia em Estudos**. Maringá, V. 12, n 1, p. 33-40, jan/abr. 2007

SZYMANSKI, H. Práticas Educativas Familiares: A Família como Foco de Atenção Psicoeducacional. **Rev. Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 2, p.5-16, maio/agosto. 2004.

VASCONCELOS, M. J. E. de. **Pensamento Sistêmico**: O novo paradigma da ciência. São Paulo: Papirus. Ed. 11ª, 2018.

ANEXO I - O GRITO

Não sei o que está acontecendo comigo, diz a paciente para o psiquiatra.

Ela sabe.

Não sei se gosto mesmo da minha namorada, diz um amigo para outro.

Ele sabe.

Não sei se quero continuar com a vida que tenho, pensamos em silêncio.

Sabemos, sim.

Sabemos tudo o que sentimos porque algo dentro de nós grita. Tentamos abafar este grito com conversas tolas, elucubrações, esoterismo, leituras dinâmicas, namoros virtuais, mas não importa o método que iremos utilizar para procurar uma verdade que se encaixe nos nossos planos: será infrutífero.

A verdade já está dentro, a verdade se impõe, fala mais alto que nós, ela grita.

Sabemos se amamos ou não alguém, mesmo que esteja escrito que é um amor que não serve, que nos rejeita, um amor que não vai resultar em nada.

Costumamos desviar este amor para outro amor, um amor aceitável, fácil, sereno. Podemos dar todas as provas ao mundo de que não amamos uma pessoa e amamos outra, mas sabemos, lá dentro, quem é que está no controle.

A verdade grita. Provoca febres, salta aos olhos, desenvolve úlceras. Nosso corpo é a casa da verdade, lá de dentro vêm todas as informações que passarão por uma triagem particular: algumas verdades a gente deixa sair, outras a gente aprisiona. Mas a verdade é só uma: ninguém tem dúvida sobre si mesmo.

Podemos passar anos nos dedicando a um emprego sabendo que ele não nos trará recompensa emocional. Podemos conviver com uma pessoa mesmo sabendo que ela não merece confiança. Fazemos essas escolhas por serem as mais sensatas ou práticas, mas nem sempre elas estão de acordo com os gritos de dentro, aquelas vozes que dizem: vá por este caminho, se preferir, mas você nasceu para o caminho oposto. Até mesmo a felicidade, tão propagada, pode ser uma opção contrária ao que intimamente desejamos. Você cumpre o ritual todinho, faz tudo como o esperado, e é feliz, puxa, como é feliz. E o grito lá dentro: mas você não queria ser feliz, queria viver! Eu não sei

se teria coragem de jogar tudo para o alto. Sabe. Eu não sei por que sou assim. Sabe.

MEDEIROS, M. Montanha Russa. Porto Alegre: L&PM Editores, 2003.

ANEXO II - O ALPINISTA

Esta é a história de um alpinista que sempre buscava superar mais e mais desafios. Ele resolveu depois de muitos anos de preparação escalar o Aconcágua. Mas ele queria a glória somente para ele, e resolveu escalar sozinho sem nenhum companheiro, o que seria natural no caso de uma escalada dessa dificuldade. Começou a subir e foi ficando cada vez mais tarde, e por que não havia se preparado para acampar, resolveu seguir a escalada decidido a atingir o topo. Escureceu, e a noite caiu como um breu nas alturas da montanha, e não era possível mais enxergar uma palmo à frente do nariz, não se via absolutamente nada! Tudo era escuridão. Zero de visibilidade. Não havia Lua e as estrelas estavam coberta pelas nuvens. Subindo por uma "parede" a apenas 100 m. do topo ele escorregou e caiu ... Caia a uma velocidade vertiginosa. Somente conseguia ver as manchas que passavam cada vez mais rápidas na mesma escuridão, e sentia a terrível sensação de ser sugado pela força da gravidade. Ele continuava caindo ... e nesses angustiantes momentos passaram por sua mente todos os momentos felizes e tristes que já havia vivido em sua vida. De repente ele sentiu um puxão forte, que quase o partiu pela metade. Shack!...Como todo alpinista experimentado, havia cravado estacas de segurança com grampos a uma corda comprida que fixou em sua cintura. Nesses momentos de silêncio suspenso pelos ares na completa escuridão, não havia nada a fazer a não ser gritar:

- O meu Deus me ajude!
- De repente uma voz grave e profunda vinda dos seus respondeu:
- O que queres de mim, meu filho?
- Me salve meu Deus por favor
- Você realmente acredita que eu possa te salvar?
- Eu tenho certeza.
- Então corte a corda que te mantém pendurado... Houve um momento de silêncio e reflexão. O homem se agarrou mais ainda a corda e refletiu que se fizesse isso morreria.

Conta o pessoal do resgate que ao realizar as buscas encontrou um alpinista congelado, morto, agarrado com força a com suas duas mãos a uma corda a meio metro do chão.